

I

Para ir a Noon City, há-de o viajante arranjar-se como puder, pois não existem carreiras normais de autocarros nem linhas de caminho-de-ferro — embora a Chuberry Turpentine Company mande um camião seis vezes por semana buscar à povoação próxima de Paradise Chapel mala postal e diversas provisões. Claro que quem for para Noon City pode ter a sorte de apanhar uma boleia no carro da Chuberry, conduzido por Sam Radclif. É sempre uma viagem escabrosa, seja qual for o meio de transporte. Os caminhos estão tão maus que depressa estragam os veículos. Trata-se, além disso, de uma terra isolada. Nas covas pantanosas, onde os lírios bravos ostentam flores do tamanho de uma cabeça de homem, há cepos de árvores que brilham verdosos e submersos como cadáveres de afogados. O único sinal de vida na paisagem, durante o Inverno, será muitas vezes o fumo que sai pela chaminé de uma casa de herdade, de aspecto melancólico, ou o voo de um pássaro silencioso planando sobre os pinhais desertos e sombrios.

Do interior do país dois caminhos vão dar a Noon City, um vindo do Norte, outro do Sul; este último, conhecido

pelo nome de estrada nacional de Paradise Chapel, é talvez o melhor, se bem que sejam ambos muito parecidos; milhas desoladas de charcos, de campos e de florestas estendendo-se sem outra interrupção além de cartazes de anúncios, aqui e ali: *Red Dot 5c Cigars*, *Dr. Pepper*, *NEHI*, *Grove's Chill Tonic* e *666*. Retumbam como trovada distante, à passagem das rodas, as pontes de pau sobre ribeiras salobras que têm designações de tribos índias há muito tempo extintas. No caminho vagueiam à vontade manadas de bois e varas de porcos. De quando em quando, um grupo de camponeses suspende o trabalho para acenar a um automóvel que passa veloz, e fica tristemente a vê-lo desaparecer numa nuvem de pó avermelhado.

Num dia quentíssimo dos começos de Junho, o motorista da Chuberry, Sam Radclif, homenzarrão já meio calvo, de face rude e viril, bebia cerveja no Morning Star Café em Paradise Chapel, quando o dono do estabelecimento, Sydney Katz, lhe surgiu na companhia de um rapazinho desconhecido sobre cujos ombros descansava familiarmente o braço.

«Olha, Sam, podias prestar a este moço um grande serviço: levá-lo a Noon City. Está cá desde ontem à espera de transporte. És capaz de fazer esse jeito?»

Radclif observou o miúdo por cima do rebordo da caneca. Tinha lá as suas ideias quanto ao que devia ser a verdadeira aparência de um rapaz, e aquele, de certo modo, estava em desacordo com essas noções. Achou-o bonito de mais, muito franzino e de pele excessivamente branca. Cada uma das suas feições, desenhada com delicadeza, manifestava sensibilidade. Adoçava-lhe os olhos, castanhos e grandes, uma expressão de meiguice feminina. O cabelo, também castanho, apresentava no entanto

estrias loiras. Fisionomia magra, de ar cansado e suplicante; ombros curvados, pouco juvenis. Usava calções de linho branco, amarrotados, camisa azul de gola aberta e sapatos amarelos já um tanto gastos.

Limpendo do lábio superior um bigode de espuma, Radclif perguntou: «Como te chamas?»

«Joel. Jo-el Har-ri-son Knox.» Separou bem as sílabas como se julgasse surdo o motorista. Mas a sua voz era de rara suavidade.

«Ah, sim?», retorquiu Sam devagar, poisando o copo vazio no balcão. «Pois é um nome que dá no goto... Sr. Knox...»

O pequeno corou e voltou-se para o dono do café, que interveio prontamente: «É excelente rapaz. Fino como um coral. Sabe palavras que tu nem eu nunca ouvimos.»

Radclif pareceu vexado. «Traz-me outra cerveja, Katz.» Enquanto este ia buscá-la, Sam dirigiu-se de novo a Joel, falando-lhe com bondade, «Eu não disse aquilo para te arrelhar. Donde é que vens, afinal?»

«De Nova Orleães. Saí de lá quinta-feira e cheguei cá ontem, sexta. Mas não pude seguir. Não tinha ninguém à minha espera.»

«Ah!», fez Radclif. «Vais visitar alguns parentes de Noon City?»

O rapaz esboçou um gesto afirmativo. «O meu pai. Vou viver com ele.»

Radclif ergueu os olhos ao tecto, murmurou «Knox» várias vezes e acabou por abanar a cabeça, com ar duvidoso. «Parece-me que não conheço ninguém com esse apelido. Tens a certeza de que não te enganaste quanto ao sítio?»

«Tenho, sim», volveu Joel, sem se alarmar. «Pergunte ao Sr. Katz. Ele já ouviu falar do meu pai. Mostrei-lhe as

cartas... Espere.» Correu entre as mesas do café sombrio e voltou daí a instantes com uma grande mala de folha que devia ser muito pesada a avaliar pela careta que ele fazia. A mala estava coberta de rótulos de partes remotas do globo: Paris, Cairo, Veneza, Viena, Nápoles, Hamburgo, Bombaim, etc. Era coisa rara ver daquilo numa terra do tamanho de Paradise Chapel.

«Estiveste em todos estes lugares?», inquiriu Radclif.

«Não!», respondeu o pequeno, esforçando-se por desprender a correia já gasta que segurava a mala. «Isto pertencia ao meu avô, o major Knox. Decerto que já leu o seu nome em livros de História. Foi uma figura importante na Guerra Civil. Levou esta mala quando deu a volta ao mundo, na sua viagem de núpcias.»

«Volta ao mundo?», repetiu Sam impressionado. «Devia ser podre de rico.»

«Ora, já foi há muito tempo». Procurou através da roupa muito bem acondicionada até encontrar um maço de cartas. «Cá está!», exclamou, tirando um sobrescrito verde-claro.

Radclif tateou-o um momento antes de o abrir. Depois, com pouco jeito mas cautelosamente, extraiu uma folha de papel fino e sedoso e movendo os lábios, leu para si:

18 de Maio de 19...

Minha boa Ellen Kendall,

Muito grato lhe estou por ter respondido tão depressa à minha carta. Realmente devia ficar admirada em receber notícias minhas ao fim de doze anos, mas posso asseverar-lhe que tive razões para tão longo silêncio. O caso é que,

ao ler a edição dominical do *Times-Picayune*, soube da morte de minha primeira mulher, cuja alma Deus tenha, e logo achei que era do meu dever reassumir as obrigações paternais, abandonadas durante todo este tempo. Tanto a minha actual mulher como eu estamos muito satisfeitos, radiantes por ter acedido ao nosso desejo, embora, como diz, o não faça sem grande tristeza. Compreendo a mágoa que tal sacrifício lhe acarreta, pois já passei também por desgosto semelhante, quando no final daquele caso nefasto eu tive de me separar do meu único filho, a quem tanto queria, apesar de ele ser ainda criança de colo. Mas tudo isto pertence ao passado. Fique descansada, minha boa amiga, pois aqui em Landing podemos proporcionar ao rapaz uma bonita casa, boa comida e ambiente culto.

Quanto à viagem, gostaríamos que o Joel chegasse cá no primeiro de Junho, o mais tardar. De Nova Orleães virá no comboio até Biloxi, onde tomará então o autocarro de Paradise Chapel, que fica a vinte milhas ao sul de Noon City. Como não dispomos de meio de transporte, sugiro que ele passe uma noite em Paradise Chapel, onde alugam quartos no andar de cima do Morning Star Café, até que se resolva a forma de o trazer para aqui. Incluso remeto um cheque para as despesas que possam sobrevir.

Seu muito at.º e obr.º
Edward R. Sansom
Skully's Landing

Katz chegou com a cerveja precisamente quando Radclif, de testa franzida numa expressão de perplexidade, repunha o papel dentro do sobrescrito. Havia duas coisas naquela carta que lhe faziam espécie. Em primeiro lugar,